

# ***HISTÓRIA DA ARTE: da década de 70 do século XX ao século XXI.***

***Tópico 9***

**ARTE . VISUAL . ENSINO**  
*Ambiente Virtual de Aprendizagem*

*Artistas do Brasil no contexto atual.*

Professor Doutor  
*Isaac Antonio Camargo*



Cursos de Artes Visuais  
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**ARTE  
VISUAL  
ensino**

A Arte no contexto nacional abre uma discussão complexa: de um lado pode-se olhar pela questão antropológica e, neste caso, seria olhar para trás e tentar identificar o que os nativos deste imenso território praticavam que poderia ser chamado de Arte; de outro, seria olhar pelo lado da questão civilizatória e a influência dos agentes colonizadores e sua interferência ou criação de uma concepção de Arte.

De um modo ou de outro não há uma posição confortável que possa ser adotada como linha de pensamento sem “magoar” uns e outros. Ao considerar que os nati-brasileiros poderiam ser as referências para a Arte Brasileira, não haveria explicações para os Artistas Viajantes, Barroco ou para o Modernismo e suas consequências, já que as referências são as da Arte “importada” pelos missionários, seus compatriotas e concorrentes. Enfim é necessário estabelecer uma categoria, o melhor é pensar em *Arte no Brasil* e não brasileira.

Neste sentido também pode-se dizer: *Artistas no ou do Brasil*, logo, Artistas Brasileiros podem ser tanto os que aqui nasceram, quanto os que para cá imigraram e adotaram o país atuando no contexto artístico nacional. A condição Colonial que instaurou o Brasil limitou a percepção de identidade ao contexto europeu, esta é uma das questões que merecem reflexão. Pensar em Arte regionalizada, nacionalizada, identificada com tendências internas nem sempre estão alinhadas às tendências globais e internacionais da Arte atual.

A Arte no contexto geográfico e cultural contemporâneo não contempla necessariamente apenas aspectos locais, mas sim aspectos internacionais.

A Arte atual dialoga com as questões emergentes do mundo todo e não apenas com aquelas que olham apenas para aspectos locais, a globalização interfere nas identidades locais.

Obviamente que certos traços regionais sempre aparecerão e serão referência para a Arte local ou mundial, mas não é este o foco principal da Arte na atualidade.

***Artistas do Brasil no  
contexto atual.***

Assim, os Artistas do Brasil sendo natos ou por adoção exercem sua atividade a partir deste território. Hoje em dia, ter reconhecimento local não basta, é necessário acessar o contexto internacional, para tanto deve-se estar alinhado aos requisitos e demandas da comunidade global e não apenas às questões e aspectos locais, mesmo que uma certa dose de etnia e cultura local sejam atraentes para o contexto do mercado internacional.

Não se pode esquecer que os “Pioneiros” da internacionalização, desde os Modernos e Pós-Modernos como Portinari e Pós-modernos como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape entre outros foram responsáveis por colocar o Brasil no cenário artístico mundial, portanto, este tópico irá buscar os herdeiros deste processo e mostrar alguns artistas que, na atualidade, dialogam com o contexto internacional.

Atualmente há um bom número de artistas do Brasil que são prestigiados no Sistema de Arte Internacional e também naquele mercado. São reconhecidos nacional e internacionalmente, já que o acesso ao circuito depende de estágios ou níveis crescentes do local para o internacional. Nada impede de que artistas nascidos no Brasil migrem para outras nações e obtenham sucesso lá, sem serem, ao menos, conhecidos aqui. De um modo ou de outro, ninguém é reconhecido apenas pelas idiossincrasias locais.

Alguns nomes de Artistas do Brasil são recorrentes que no sistema internacional. As últimas décadas não mudaram muito isto, alguns são aqui destacados:

Artur Barrio, Miguel Rio Branco, Waltércio Caldas, Cildo Meireles, Tunga, Beatriz Milhazes, Vik Muniz, Ernesto Neto, Adriana Varejão, Rivane Neuenschwander são alguns dos que aparecem com mais frequência nesse circuito. Vale a pena olhar com mais vagar para eles e tentar entender o que os torna “internacionalizáveis”.

***Artur Barrio.***

**Artur Alípio Barrio de Sousa Lopes** (Porto, Portugal 1945).  
Artista multimídia e desenhista.  
Em 1955, passa a viver no Rio de Janeiro e, em 1965, passa a se dedicar à pintura. A partir de 1967, frequenta a Escola Nacional de Belas Artes. Nesse período, realiza os "cadernos livres", com registros e anotações que se afastam das linguagens tradicionais.

Em 1969, começa a criar as *Situações*: trabalhos realizados com materiais orgânicos como lixo, papel higiênico, detritos humanos e carne putrefata, como as *Trouxas Ensanguentadas*, com os quais realiza intervenções no espaço urbano.

No mesmo ano, escreve um manifesto no qual contesta as categorias tradicionais da arte e sua relação com o mercado, e a situação social e política na América Latina. Em 1970, na mostra *Do Corpo à Terra*, espalha as *Trouxas Ensanguentadas* em um rio em Belo Horizonte. Barrio documenta essas situações com o uso de fotografia, cadernos de artista e filmes Super-8. Cria também instalações e esculturas, nas quais emprega objetos cotidianos. Realiza constantes viagens, e reside também na África e na Europa - em Portugal, na França e na Holanda.

Participou de exposições no Brasil e no exterior, entre elas, do Salão de Bússola no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1969. Da exposição *Information*, em NY, 1970 e da Documenta 11 de Kassel, na Alemanha em 2002. Foi vencedor do Premio Velázquez de Artes Plásticas de 2011, concedido pelo Ministério da Cultura da Espanha e também o único representante do Brasil na Bienal de Veneza, no mesmo ano.

A maioria de suas obras não pode ser guardada em museus, fazem parte da vertente Conceitual que se caracteriza pelo uso de materiais efêmeros, precários, deterioráveis, portanto suas obras são precárias e transitórias. Realiza intervenções e Performances nas quais são valorizadas as experiências dos espectadores e não os objetos, tampouco os registros em imagens dos trabalhos.

1) 3) }  
 (A, C) } Sala - M - freado e/palha → A =  
 C = FOGO

Este processo  
 foi em 1969  
 sobre as bases  
 do solo, campos  
 longe, ou mal-feitos

① SALA = VARIA → no núcleo sala freado e/palha - ~~estruturas~~ (movimentos) (movimentos)

CAMPO = quadrado de terra → freado e/palha / fogo freado e/palha  
 fogo (2 movimentos) terra - AA - VENTO -

ASFALTO = asfalto no asfalto - fogo - ~~estruturas~~ semi-circulo  
 estruturado em terra

① - SALA = 1º dia colocação sala -  
 3º dia - ~~estruturas~~ - (INCINERAÇÃO) - OU - ÁGUA -

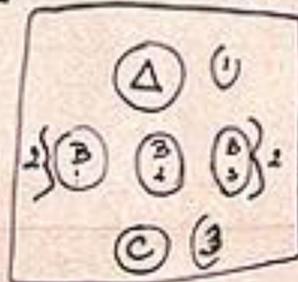


Barro, 1972 -  
 SIT. MÍNIMAS - 1

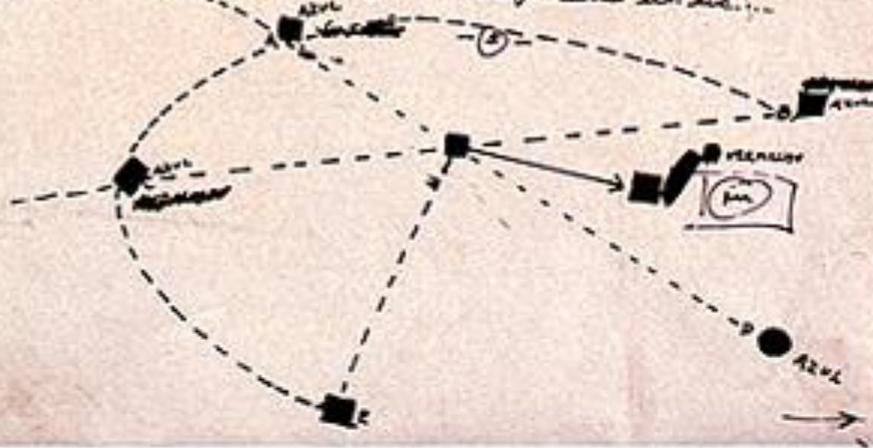
Barro, 1972 - SITUAÇÕES MÍNIMAS - 2

em função do tempo (1 dia) { A B C } letras e números para as substituições  
 de espaço { 1 3 2 } freados - 1 = A - ita (m. vertical)

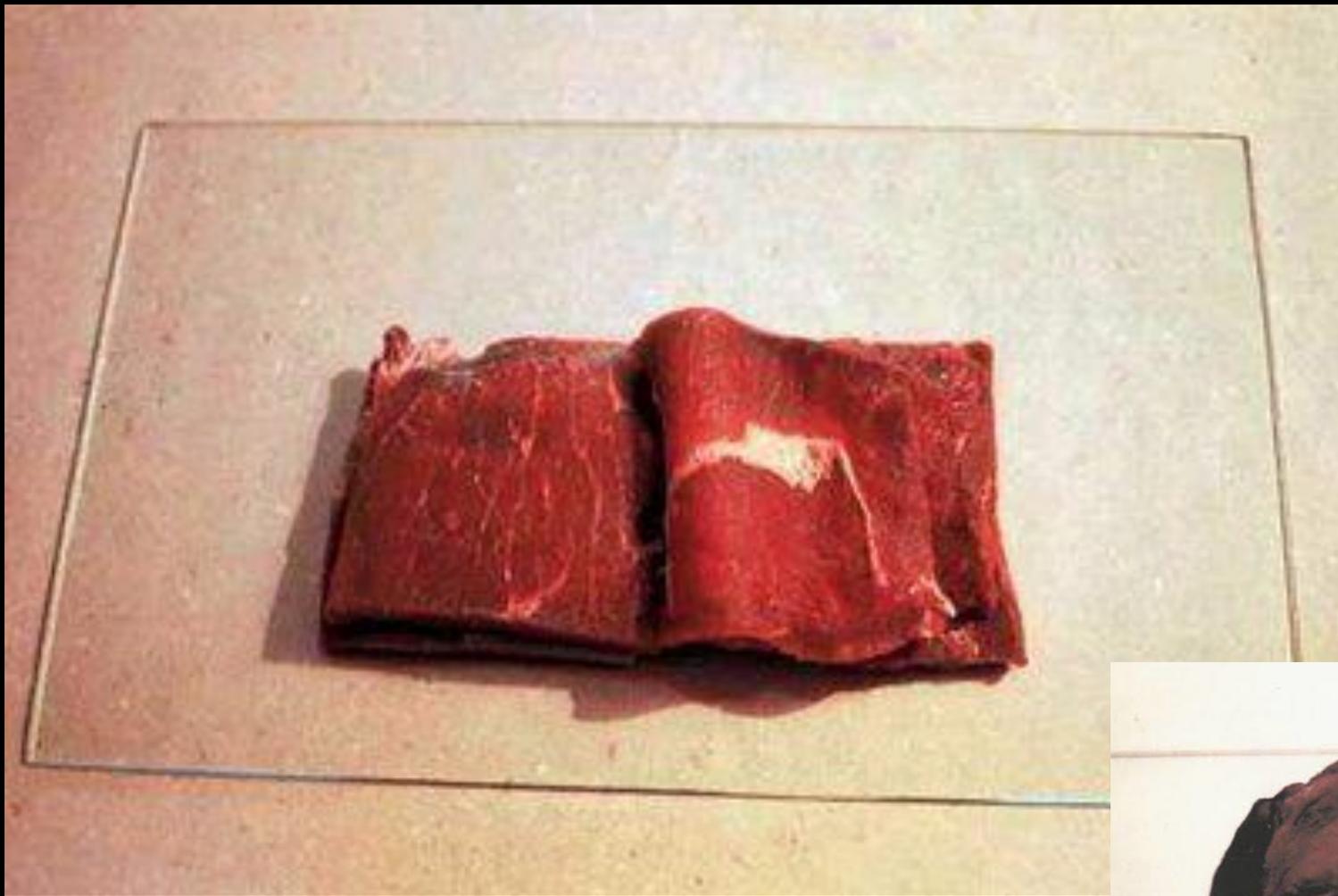
2) Formação de (pontos) através da cidade (todas as partes (m. estruturadas))  
 formadas entre si, pelo de energia, no sentido de direção de corrente  
 de principal, sendo que no caso, o (A), seria o ponto final da  
 estrutura.  
 Esses pontos → no 1º dia - terra - aspeto de concentrações (A) = afli  
 dispersos (B) -



② "Pontos" → pequenas quadriláteras formadas  
 a/pelos pontos - e/ cola sobre (9 de manhã) a sala  
 estruturadas, estruturadas e difíceis de estruturar...



Artur Barrio, Cadernos Livres.



Livro de Carne, Artur Barrio.



Trouxa, Artur Barrio.



Artur Barrio, Saco de pães.



Artur Barrio,  
Palavras como pó.

***Miguel Rio Branco.***

***Miguel Rio Branco***, Las Palmas, 1946. Artista multidisciplinar.

A partir de 1966, estudou no Instituto de Fotografia de NY. Em 1968 na Escola superior de Desenho Industrial no Rio de Janeiro. A partir de 1974 passou a dedicar-se à pintura realizando sua primeira exposição em Berna, onde residia. Colaborou em produções cinematográficas como diretor de fotografia.

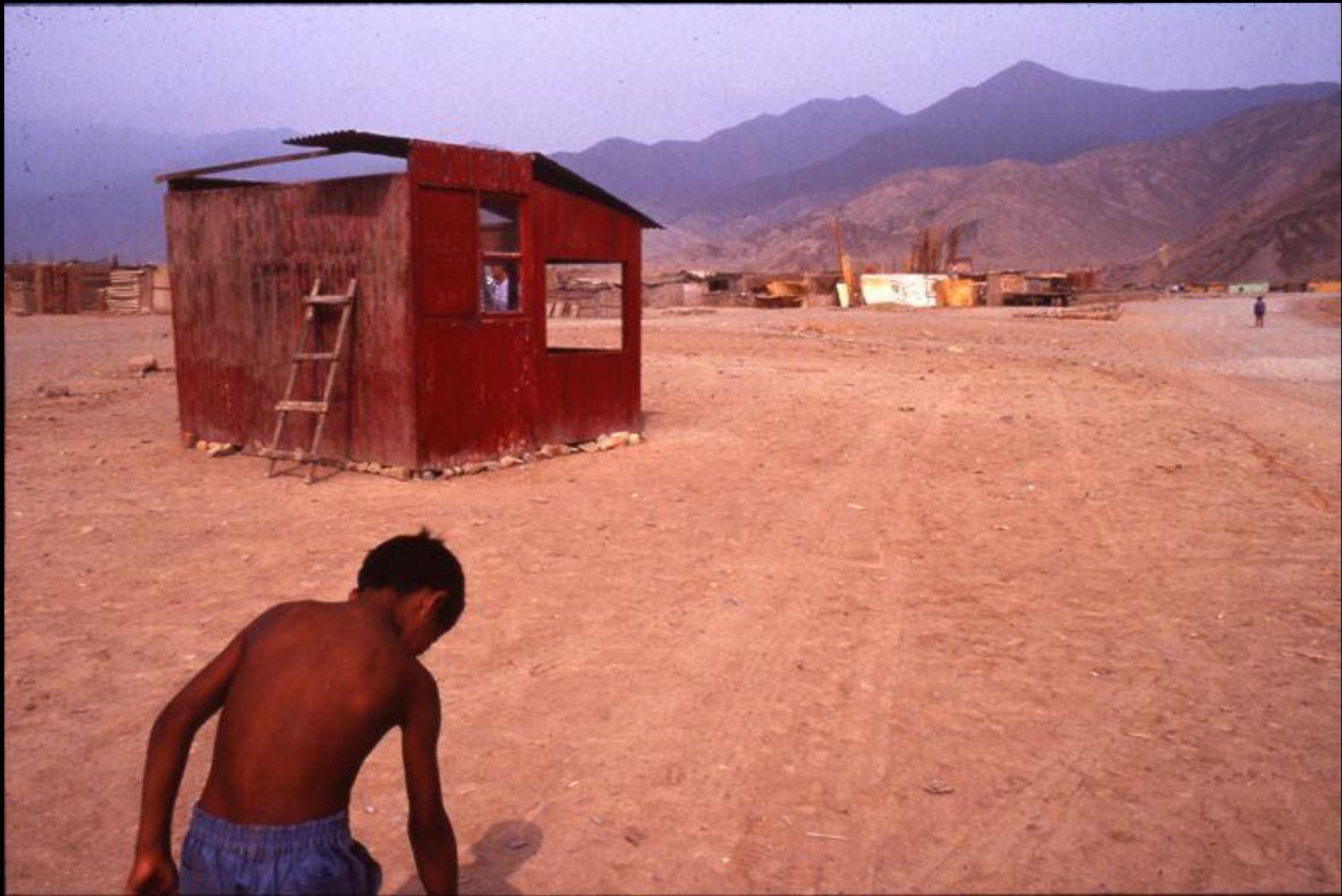
A partir da Bienal de São Paulo, em 1983, começou a realizar instalações espaciais combinando fotografias e música, procurando uma espécie de "poesia documental". Recentemente tem se dedicado à fotografia de caráter sócio documental num diálogo entre a estética precária e a denúncia social.



Miguel do Rio Branco, Trilhas Periféricas.



Miguel do Rio Branco, Night Series, 1991



Miguel do Rio Branco, Red House Boy, 1991



Miguel do Rio Branco, Night Series, 1991



Miguel do Rio Branco, Fingerout, 1988.

***Waltércio Caldas.***

***Waltércio Caldas Júnior,***  
1946, Rio de Janeiro.  
Escultor, desenhista,  
artista gráfico, cenógrafo.  
Em 1964 estuda pintura  
com Ivan Serpa no Museu  
de Arte Moderna do Rio  
de Janeiro. Entre 1969 e  
1975, realiza desenhos,  
objetos e fotografias de  
caráter conceitual, com  
isto se torna uma  
referência na produção  
nacional.

Seus trabalhos seguem as  
tendências instauradas na  
Arte desde o Dadaísmo  
Duchampiano e vai se  
desenvolvendo a partir da  
busca de uma identidade  
própria.



Waltércio Caldas, A Emoção Estética. 1977.

---

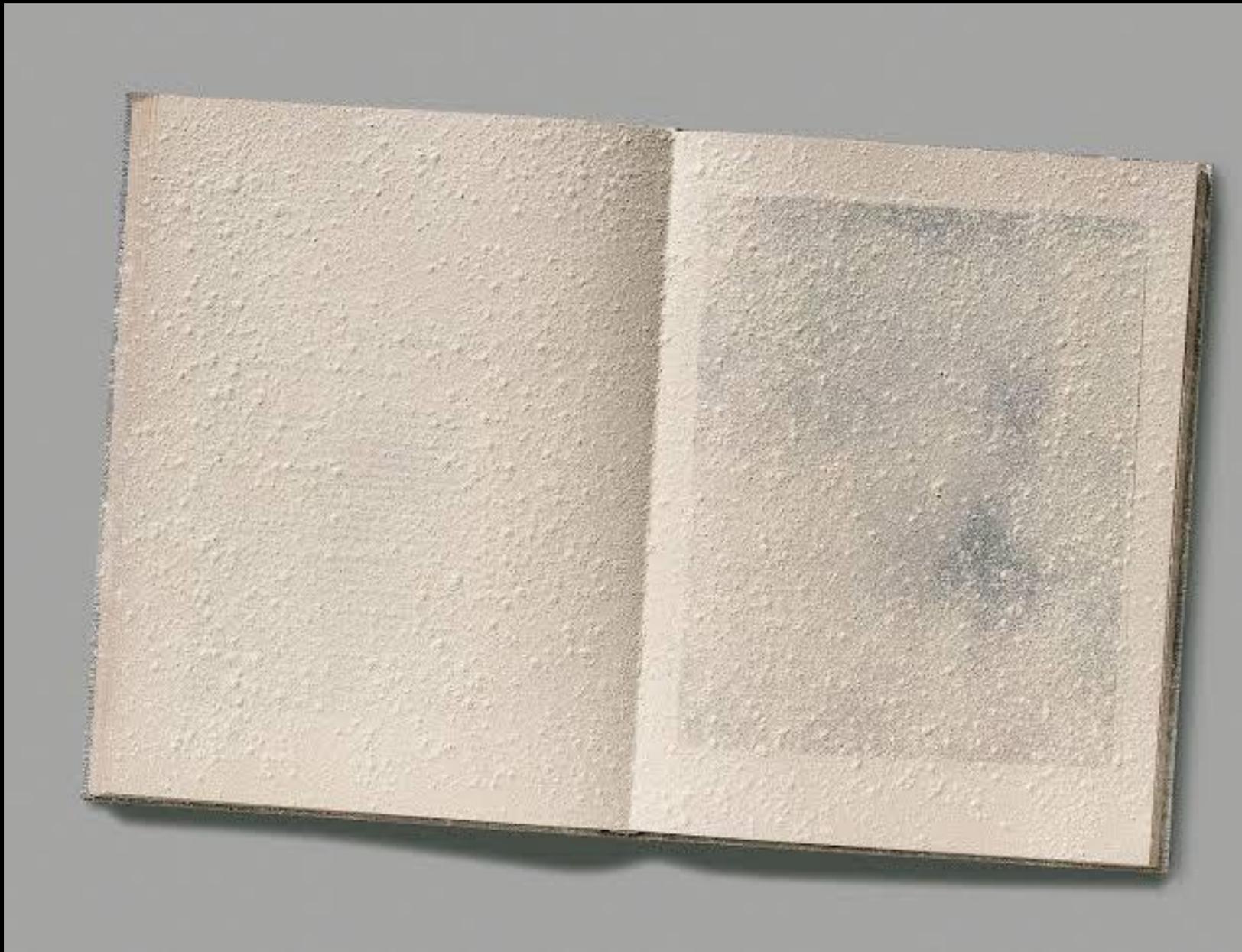
29

Como funciona a máquina fotográfica?

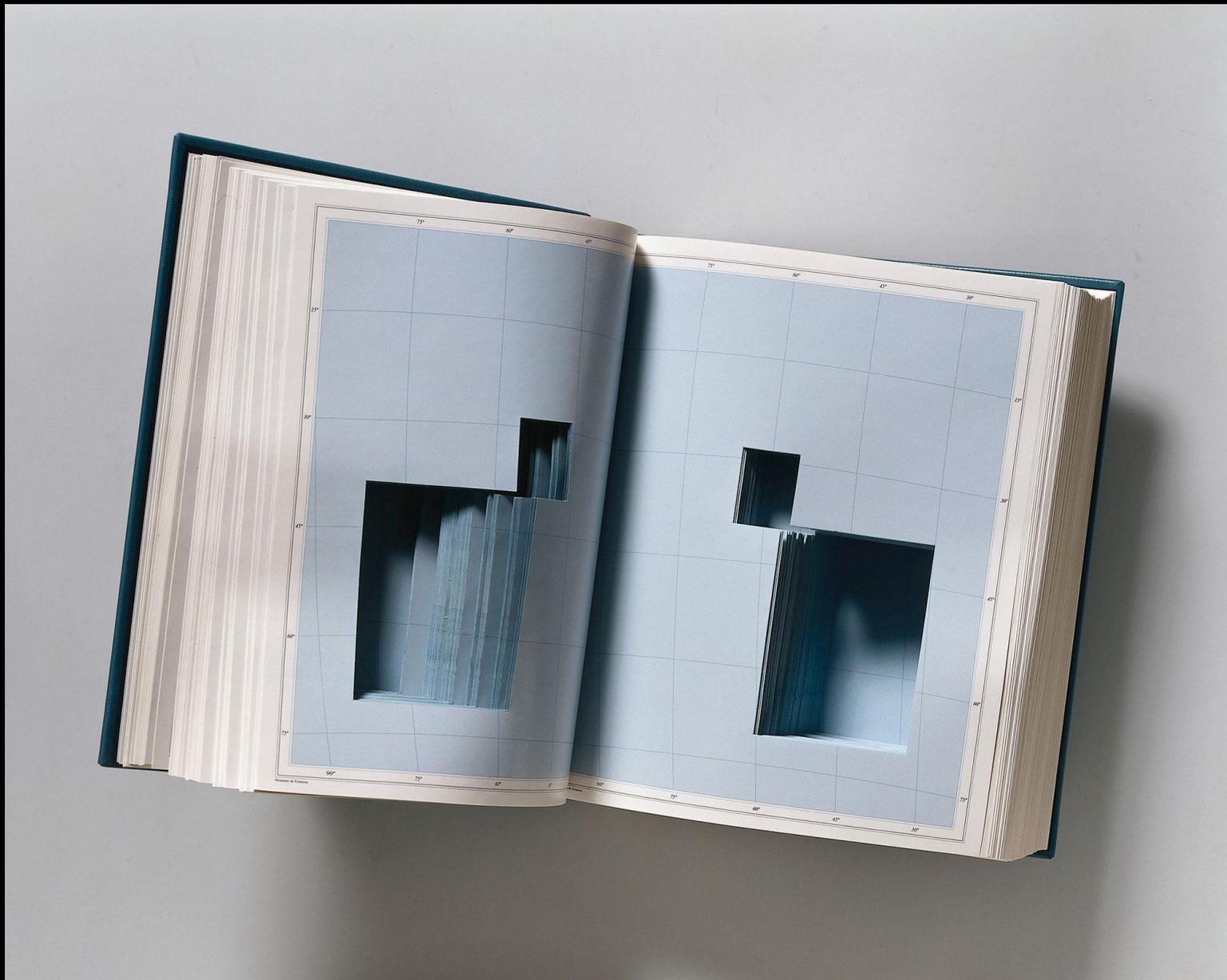
---



Waltércio Caldas, Como Funciona a Máquina Fotográfica.



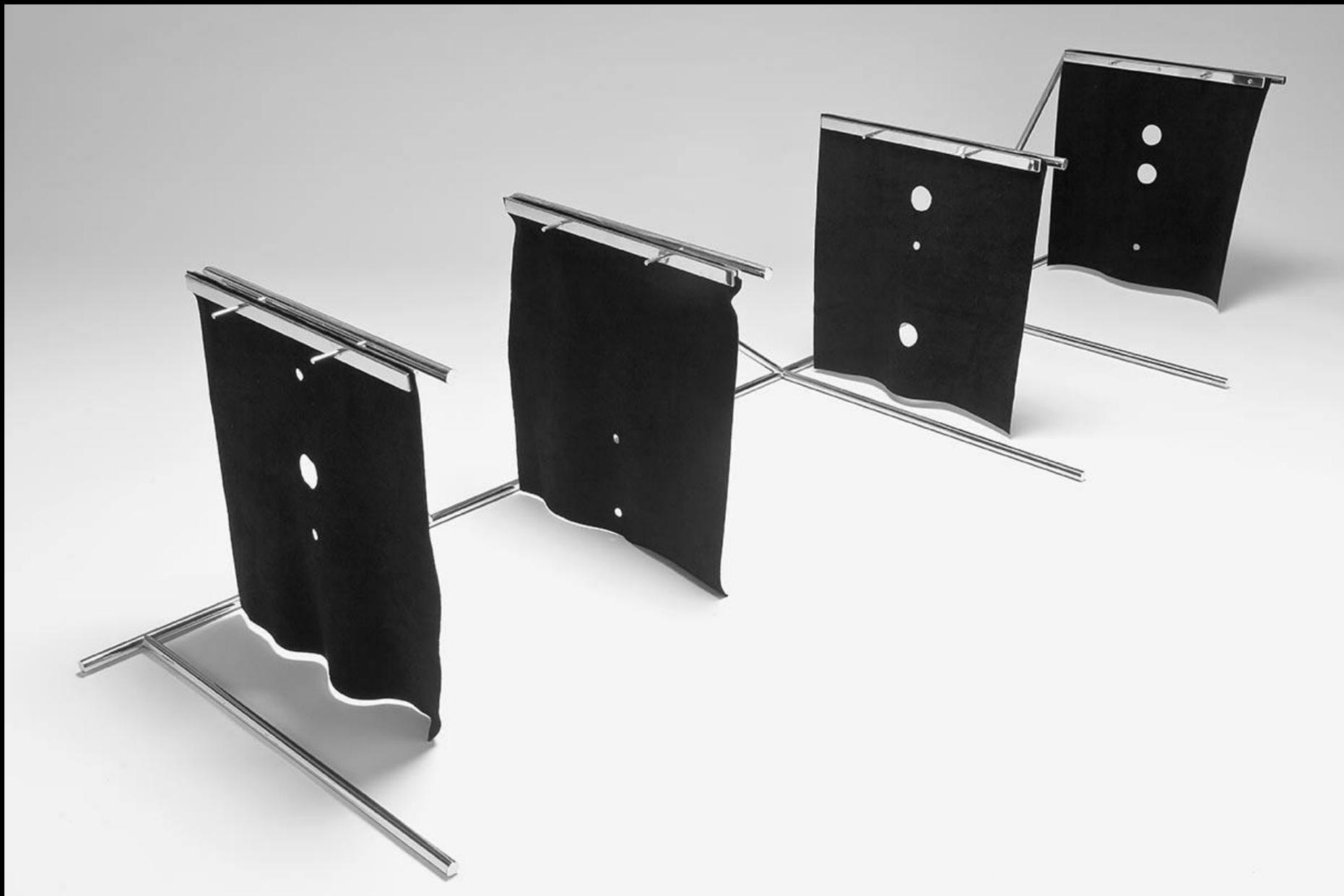
Waltercio Caldas, Matisse com Talco.



Waltércio Caldas, Momento da Fronteira.



Waltércio Caldas, Instalação.



Waltércio Caldas, Instalação.

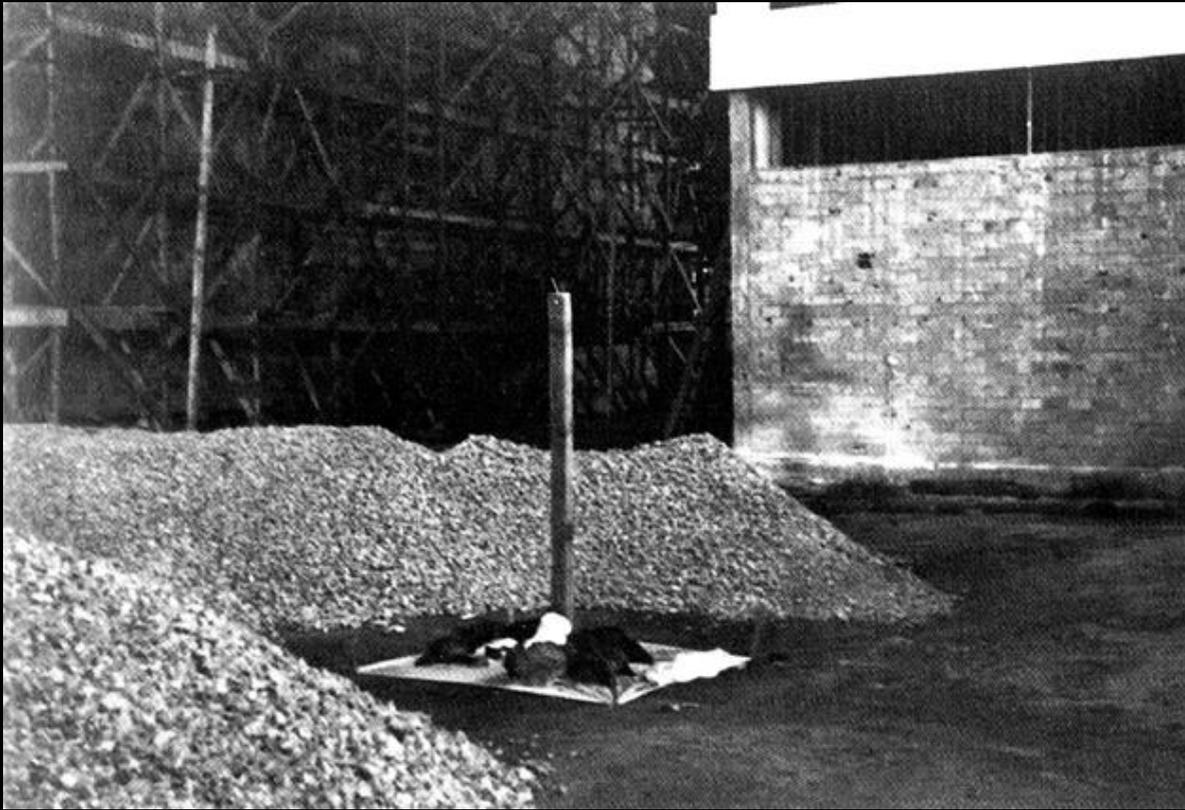
***Cildo Meireles.***

***Cildo Campos Meirelles***,  
1948, Rio de Janeiro,  
Artista multimídia. Inicia  
seus estudos em arte em  
1963, na Fundação  
Cultural do Distrito  
Federal, em Brasília,  
orientado pelo ceramista e  
pintor peruano  
Barrenechea. Realiza  
desenhos inspirados em  
máscaras e esculturas  
africanas. Em 1967,  
transfere-se para o Rio de  
Janeiro, onde estuda por  
dois meses na Escola  
Nacional de Belas Artes.

Nesse período, cria a  
série *Espaços Virtuais:  
Cantos*, com 44 projetos  
explorando questões de  
espaço que se desdobram  
nos trabalhos *Volumes  
Virtuais e ocupações*  
entre 1968-1969.

Mais tarde suas obras revelam caráter político como em *Tiradentes - Totem-monumento ao Preso Político* (1970), depois entra também no contexto da cultura de massa com as *Inserções em Circuitos Ideológicos: Projeto Coca-cola* (1970) e *Quem Matou Herzog?* (1970). No ano seguinte, viaja para Nova York, onde trabalha na instalação *Eureka/Blindhotland*, no LP *Sal sem Carne* (gravado em 1975) e na série *Inserções em Circuitos Antropológicos*.

De volta ao Brasil, em 1973, cria cenários e figurinos para teatro e cinema. Desenvolve séries de trabalhos inspirados em papel moeda, como *Zero Cruzeiro e Zero Centavo* (ambos de 1974-1978) ou *Zero Dólar* (1978-1994). Explora questões acerca de unidades de medida do espaço ou do tempo, como em *Pão de Metros* (1983) ou *Fontes* (1992).



Cildo Meireles. Tiradentes, Totem:  
Monumento ao preso político. 1970

Estaca sobre um quadrilátero  
marcado por um pano branco, com  
termômetro clínico no topo e  
galinhas vivas amarradas sobre as  
quais se ateou fogo





Cildo Meireles. Quem matou Herzog? 1970. 1076.

Inserção em Circuitos Ideológicos - 3. Projeto Cédula.



Cildo Meireles. Inserções em Circuitos Ideológicos - 2. Projeto Coca-Cola. 1971.



Cildo Meireles. *"Eureka/Blindhotland"*, 1970-1975. BORRACHA, REDE DE PESCA, METAL, MADEIRA E ÁUDIO



Cildo Meireles. Olvido, 1987-89. Tenda indiana feita de 6.000 notas de todos os países americanos, erguida sobre três toneladas de ossos e instalada no centro de um círculo formado por 69.300 velas.

***Tunga.***

***Antônio José de Barros  
Carvalho e Mello Mourão,***  
conhecido como **Tunga.**

Palmares, (8 de  
fevereiro de 1952 – Rio de  
Janeiro, 6 de junho de  
2016).

Escultor, desenhista e perfo  
rmático. Na década de  
1970, a obra de Tunga se  
aproxima da produção de  
artistas de diferentes  
vertentes da arte  
contemporânea brasileira,  
como Cildo  
Meireles, Waltercio Caldas  
e José Resende (1945).

A relação entre  
representação, linguagem e  
realidade, tema-chave para  
esta geração de artistas, está  
presente em muitos dos  
trabalhos de Tunga.

Entretanto, corpo e desejo  
tornam-se componentes  
ativos de suas investigações,  
entre as quais, elementos de  
outras áreas de  
conhecimento, como  
Literatura, Filosofia,  
Psicanálise, Teatro,  
Matemática, Física e  
Biologia.



Tunga. Tríade Trindade, 2001.

Tunga. Amber Guestes,  
2015.





Tunga. True Rouge. 1997.



Tunga. Psicoativa.

***Beatriz Milhazes.***

**Beatriz Ferreira**  
**Milhazes**, 1960, Rio de Janeiro. Pintora, gravadora e ilustradora. Realiza sua formação em artes plásticas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage no período de 1980 a 1983. Além da pintura, dedica-se à gravura e à ilustração. De 1995 a 1996, estuda gravura em metal e linóleo no Atelier 78, com Solange Oliveira e Valério Rodrigues. Atua como professora de pintura até 1996 no Parque Lage.

Suas pinturas se caracterizam estritamente pela bidimensionalidade tendo a forma e a cor como referências, embora abstratas, o uso da ornamentação constituída, sobretudo, por arabescos se tornam a “marca” de seus trabalhos. Na década de 1980 revelam uma tensão entre figura e fundo, entre representação e ornamentação. Participa do grupo de artistas brasileiros chamado de “Geração 80”. Sua obra faz referências ao barroco, à obra de Tarsila do Amaral e Burle Marx e a padrões modulares, ornamentais e art déco.



Beatriz Milhazes. O Mágico, 2005. (Vendida na Sotheby's 1,05 milhão dólares)



Beatriz Milhazes. O moderno, 2002. Arrematada na Sotheby's em 2015, por US\$ 1,2 milhão. Anteriormente pertencia a um colecionador espanhol que a comprou em 2001 por US\$ 15 mil.



Beatriz Milhazes. In Albis, 1996. Acervo da Coleção Solomon R. Guggenheim Museum



Beatriz Milhazes.  
Mariposa, 2004.



Beatriz Milhazes.  
Mulatinho, 2008.

***Vik Muniz.***

**Vicente José de Oliveira Muniz**, São Paulo, 1961. Fotógrafo, desenhista, pintor e gravador. Cursa publicidade na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo. Em 1983, passa a viver e trabalhar em Nova York. Realiza, desde 1988, séries nas quais investiga temas relativos à memória, à percepção e à representação de imagens na Arte e nos meios de comunicação em abordagem de questões envolvidas na circulação e retenção de imagens.. Trabalha com séries de fotografias, na maioria das vezes reproduções de obras de arte reconhecidas recriadas com materiais diversos.

Faz uso de técnicas diversas e emprega materiais inusitados como papéis perfurados, algodão, recortes de revistas, chocolate líquido, açúcar, doce de leite, geleias, catchup, gel para cabelo ou poeira para a produção de seus trabalhos. Depois de prontos, são fotografados e aí se tornam parte das séries editadas como Fotografias. As séries recebem, em geral, o nome do material utilizado - *Imagens de Arame*, *Imagens de Terra*, *Imagens de Chocolate*, *Crianças de Açúcar* etc.



Vik Muniz. Lampedusa, 2015, Bienal de Veneza.



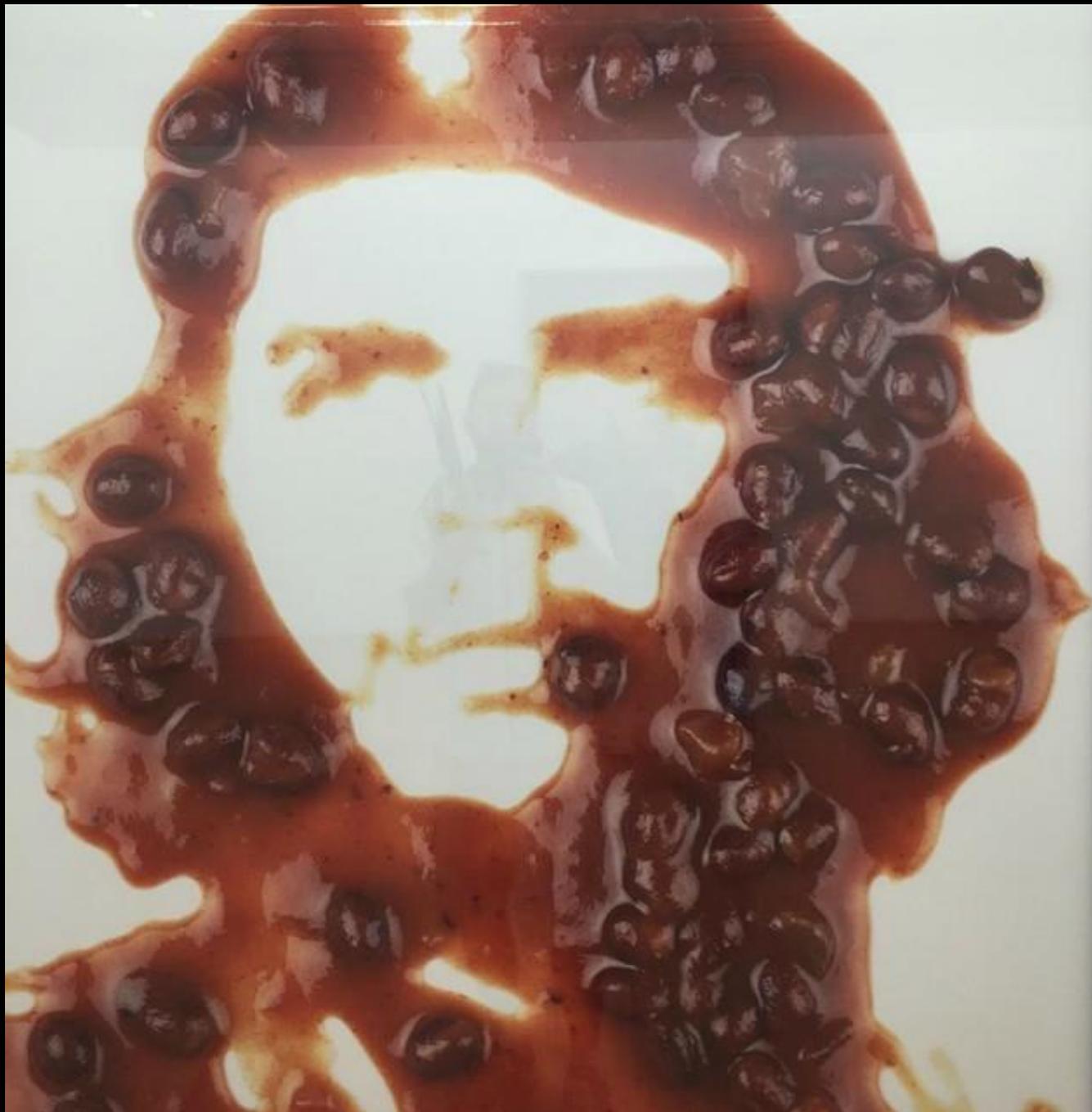
Vik Muniz. Double Mona Lisa.



Vik Muniz. Torre Eiffel, 2015. série *Postcards from nowhere*.



Vik Muniz. Bearer Irma, 2008.  
Série produzida a partir de projeto  
social no lixão de Gramacho,  
baixada do Rio de Janeiro.

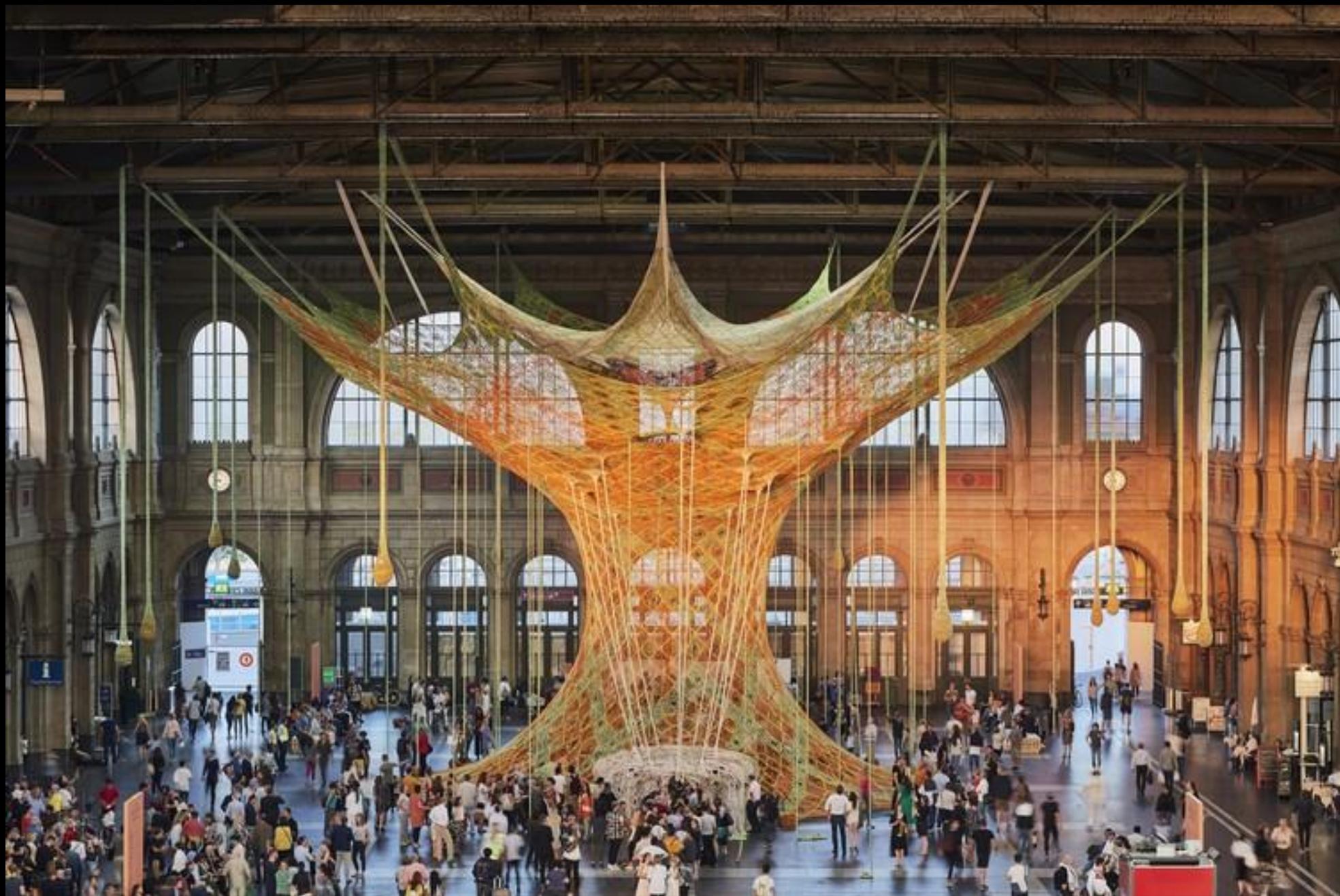


Vik Muniz. Che à  
maneira de Alberto  
Korda (fotógrafo), 2000.

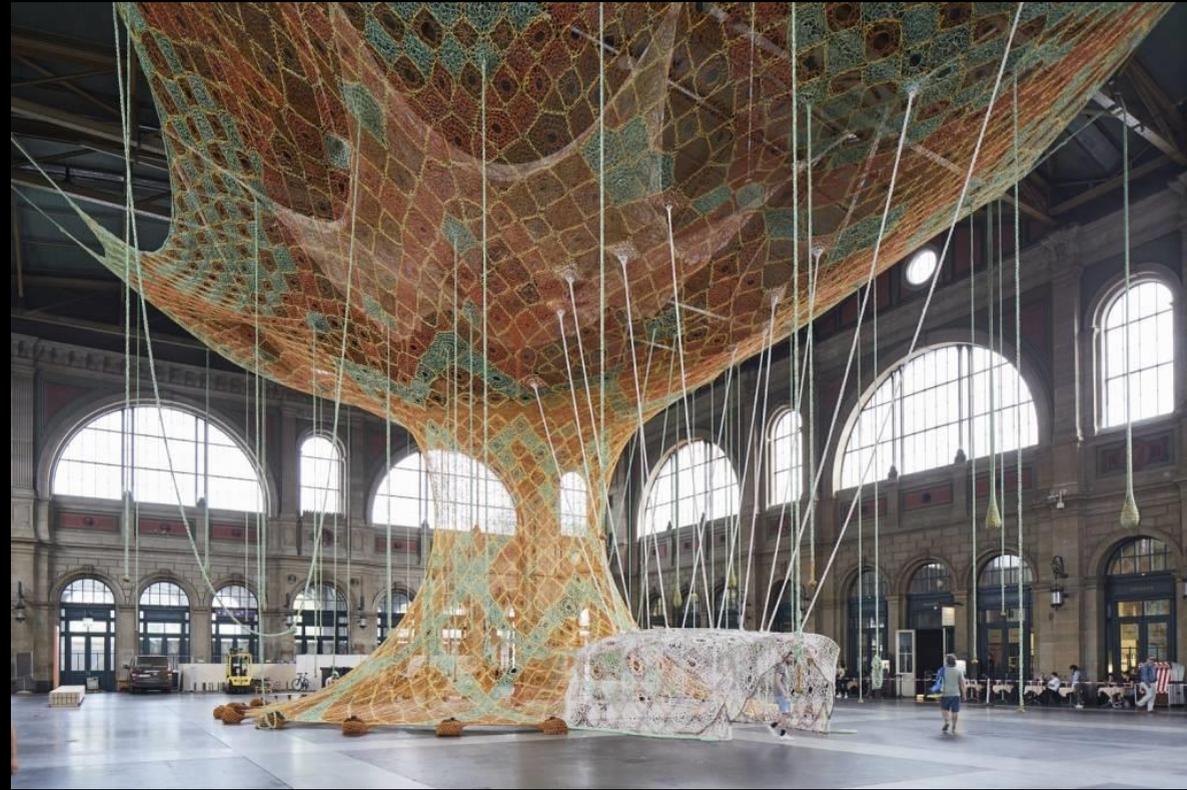
***Ernesto Neto.***

***Ernesto Saboia de Albuquerque Neto***, Rio de Janeiro, 1964. Artista multimídia. Na década de 1980, estuda escultura com Jaime Sampaio e com João Carlos Goldberg na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Realiza ainda cursos de intervenção urbana e escultura com Cleber Machado e com Roberto Moriconi, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Sua produção situa-se entre a escultura e a instalação. No início da carreira, sua trajetória é marcada pelas obras dos artistas José Resende e Tunga, na exploração da articulação formal e simbólica entre matérias diversas. Mais tarde, passa a utilizar meias de poliamida e outros materiais mais flexíveis e cotidianos.



Ernesto Neto. *Gaia Mother Tree*, Estação de Zurique, Suíça.



Ernesto Neto. *Gaia Mother Tree*

A obra, de quase 20 metros de comprimento, faz referência a uma grande árvore, composta por uma estrutura transparente feita de tiras de algodão coloridas, atadas à mão por indígenas. Desde 2013, o artista vem colaborando com os povos da floresta, principalmente a comunidade indígena Huni Kuin, também conhecida como Kaxinawá.



Ernesto Neto. Dengo.



Ernesto Neto. A Borda.

***Adriana Varejão.***

**Adriana Varejão**, Rio de Janeiro, 1964. Começou sua carreira nos anos 80, frequentou cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro e fez sua primeira exposição individual em 1988, na galeria Thomas Cohn. Suas obras reproduzem elementos históricos e culturais, com temas ligados à colonização, ao barroco e à azulejaria. Investiga também a utilização do corpo humano, da visceralidade e da representação da carne como elemento estético.

Em fins da década de 1980, produz telas com espessas camadas de tinta, tendo como parâmetro as igrejas barrocas brasileiras e sua azulejaria, como em *Altar I*, 1987. Apesar de remeter ao barroco, adquire forte contemporaneidade em decorrência do acúmulo excessivo de materiais, camadas de tinta e informações complexas. Realiza obras viscerais com peles rasgadas, interiores à mostra, canibalismo e esquartejamento.

Posteriormente, passa a apropriar-se de imagens da história do Brasil, retomando representações etnográficas de indígenas e negros.



Adriana Varejão.



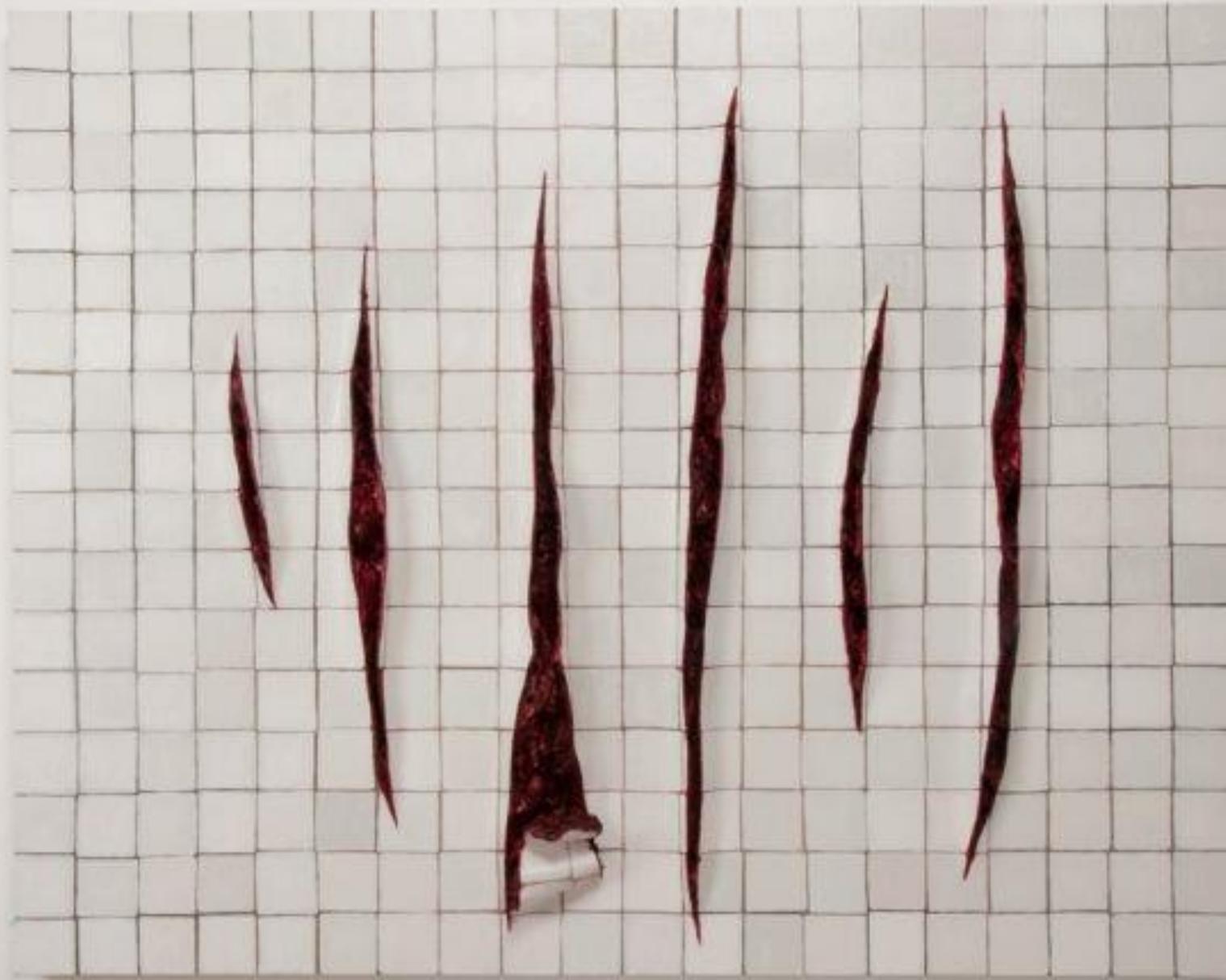
Adriana Varejão.  
*Pele Tatuada à  
Moda de  
Azulejaria, 1995.*



Adriana Varejão. Ruína de Charque, 2002.



Adriana Varejão. *Celacanto provoca maremoto*. 2005.



Adriana Varejão. Parede com incisões à la Fontana. (Arrematada na Christie's, de Londres, em 2011, por R\$ 3 milhões.)

*Rivane  
Neuenschwander.*

***Rivane Neuenschwander***  
***Maciel Guimarães***, Belo Horizonte, Minas Gerais, 1967. Artista visual. Em suas obras apresenta percepções sobre o cotidiano usando materiais comuns como plástico, casca, migalhas, cabelo e poeira. Sua poética dialoga com diversas áreas do conhecimento. Tem ampla pesquisa sobre o medo, em seus aspectos psíquicos e sociais e questiona os códigos de comunicação, como a linguagem e o alfabeto.

Transita entre pintura, escultura, instalação, vídeo com interesse pelas relações orgânicas com a linguagem, a natureza e a temporalidade. Outra característica relevante para a exposição é a estimulação para a participação do público.



Rivane Neuenschwander.  
S/título, 1996.



Rivane Neuenschwander. Primeiro Amor.



Rivane Neuenschwander. O nome do medo.



Rivane Neuenschwander. Eu desejo o seu desejo.



Rivane Neuenschwander. Coisa de ninguém, coisa de todos.



Rivane Neuenschwander. Fora de alcance.

José Resende

## ***José de Moura Resende Filho***

(São Paulo, 1945).

Cursa gravura na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em 1963. No mesmo ano, ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie.

Começam estudar desenho com Wesley Duke Lee. Com Nelson Leirner, Wesley Duke Lee, Geraldo de Barros, Carlos Fajardo e Frederico Nasser, cria o Grupo Rex em 1966. Em 1970 participa da fundação do Centro de Experimentação Artística Escola Brasil, que valoriza métodos distintos do ensino tradicional em artes visuais.

Em seus trabalhos, explora as potencialidades expressivas dos materiais empregados, revelando o diálogo com a *arte povera* e com o pós-minimalismo norte-americano, principalmente em esculturas, montagens e instalações.

Trabalha com uma diversidade de materiais como pedras, tubos de cobre, lâminas de chumbo, cabos de aço, chapas e ampolas de vidro. Emprega ainda líquidos como o mercúrio, água e tinta sépia. Em obras mais recentes, usa também o couro e a parafina.



José Resende, sem título 1999.



José Resende, Pedra e Couro, 1980.



José Resende, Vinil e corda, 1967.



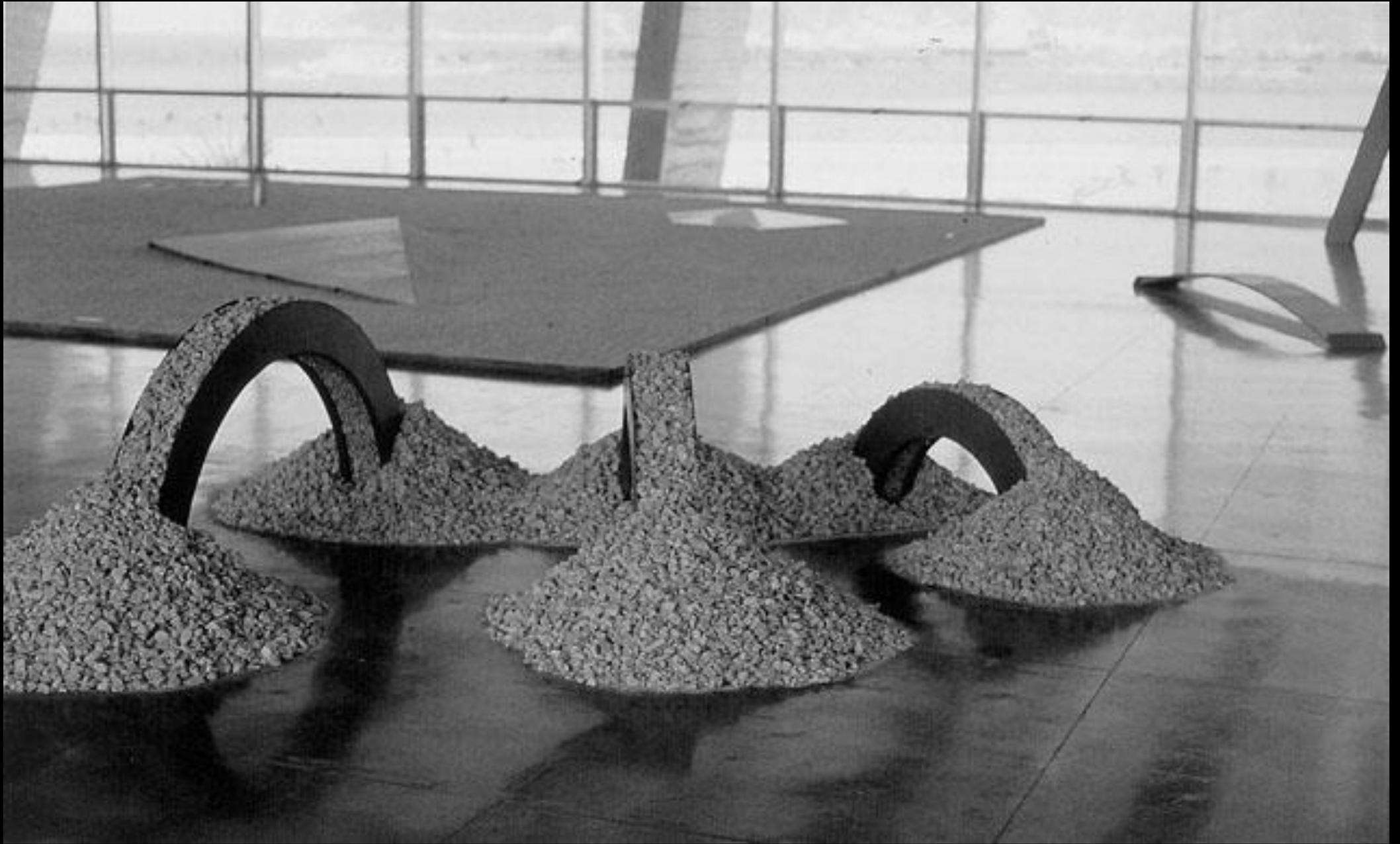
José Resende, Alumínio e plástico, 1967.



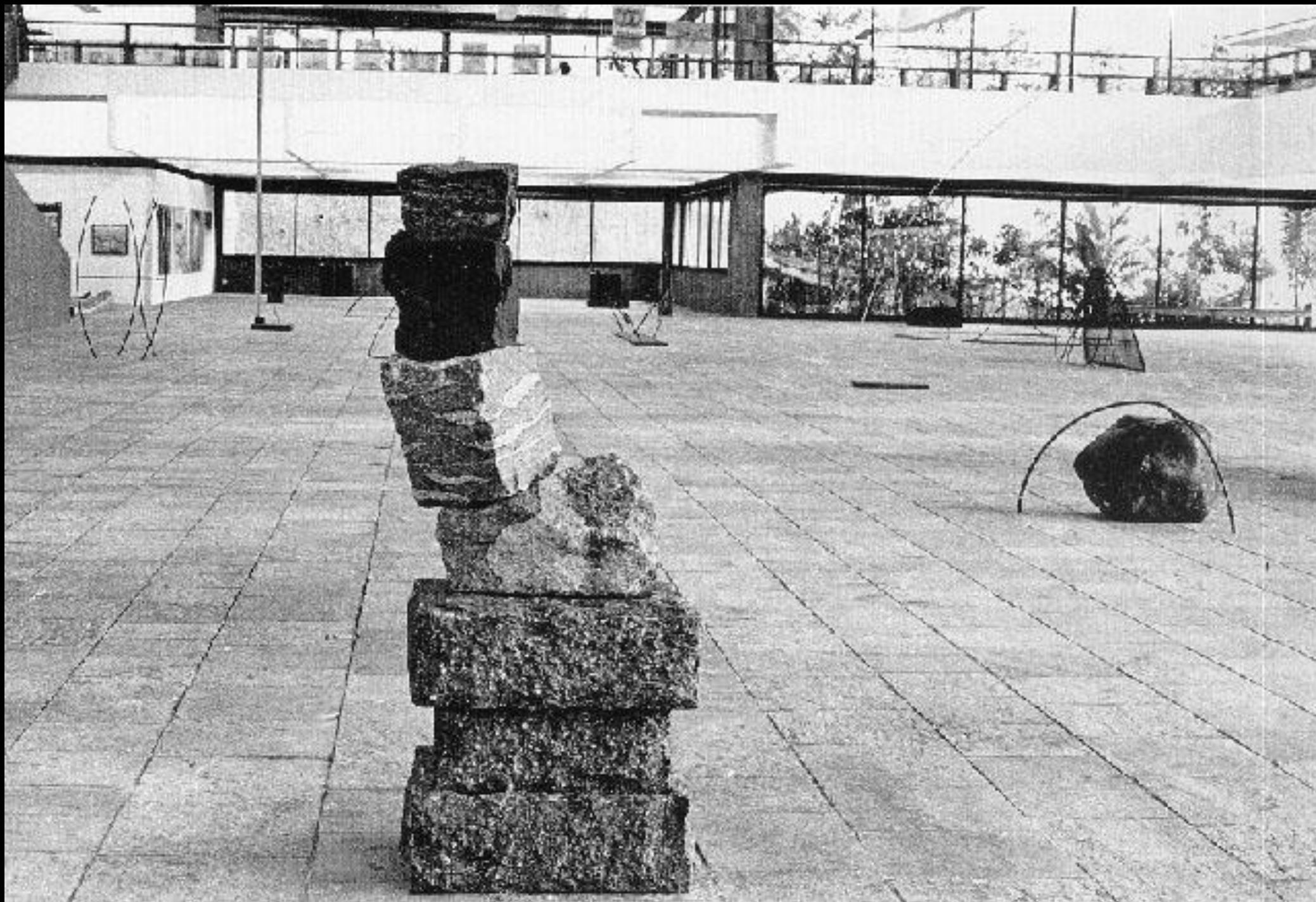
José Resende, Retrato de meu pai, 1965.



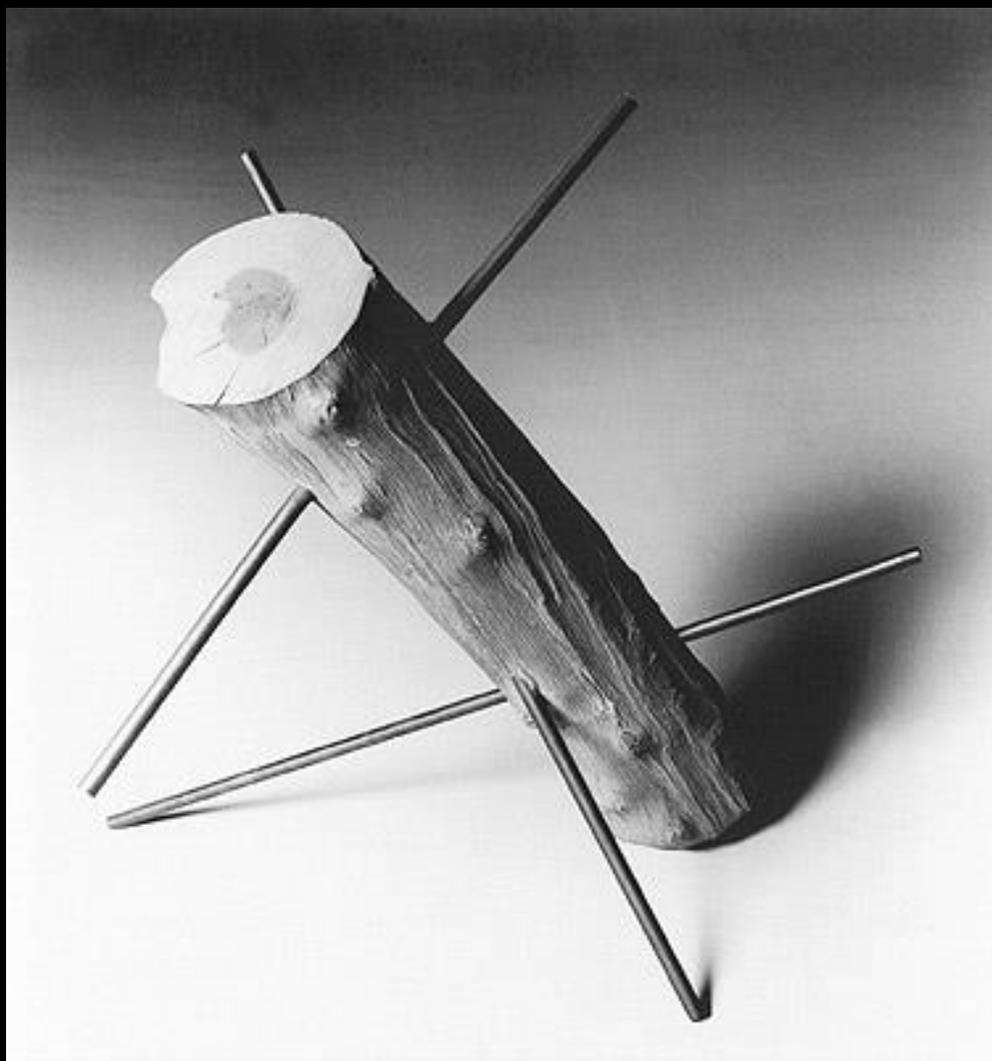
José Resende, Madeira e cabo de aço, 1970.



José Resende, Ferro e pedregulho, 1970.



José Resende, Pedra, 1974.



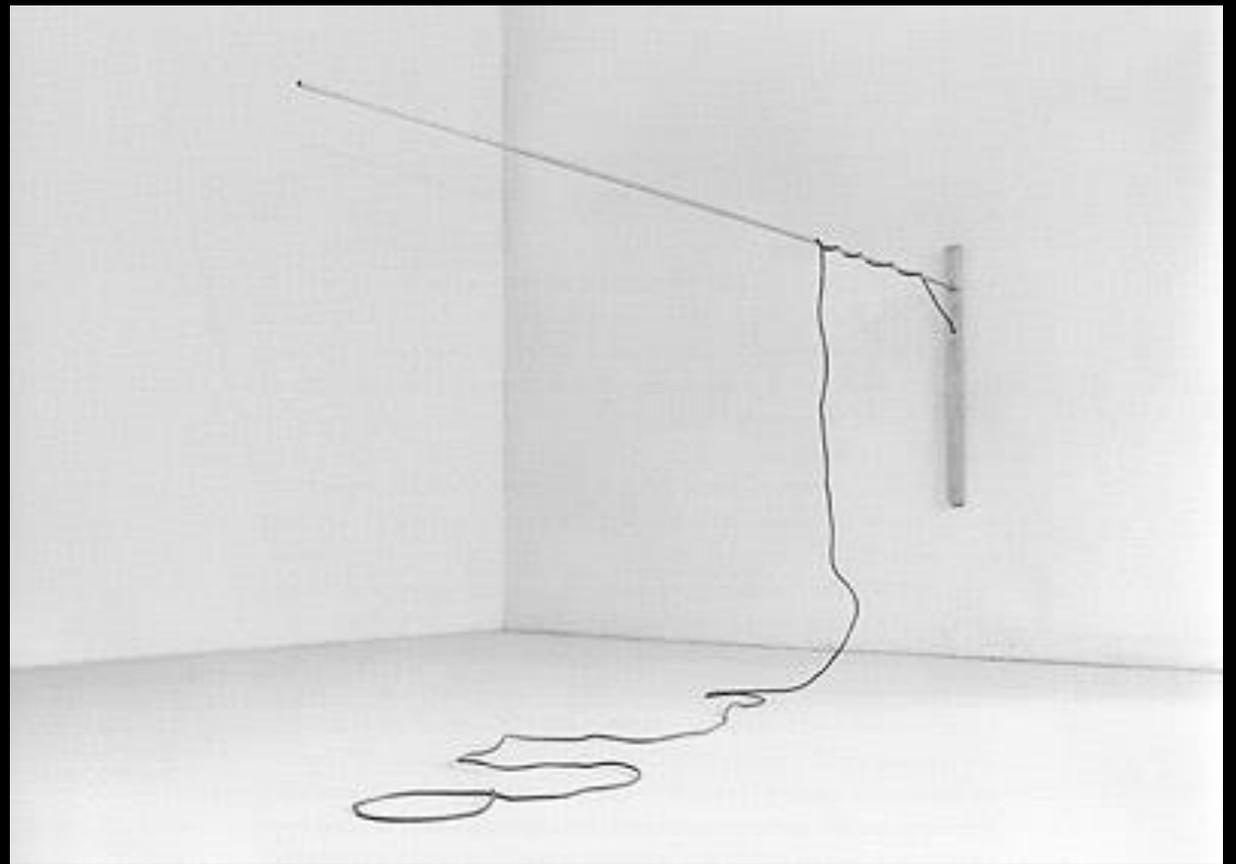
José Resende, Madeira e latão, 1974.



José Resende, Ferro e pedra, 1974.



José Resende, Couro e feltro, 1980.



José Resende, Alumínio e Couro, 1980.

Termino este Tópico dizendo o mesmo do anterior: a diversidade e a quantidade de artistas atuais é imensa e, no caso desta disciplina, entendo que as informações conceituais e visuais apresentadas são exemplos e não um levantamento completo ou definitivo. A partir destes conteúdos é possível ampliar e aprofundar as pesquisas necessárias para maior compreensão de como a Arte Visual se mostra no Brasil.

## Leituras recomendadas para complementar os conteúdos deste tópico:

Giulio Carlo Argan:

Fontes da Arte Moderna;

Guia da História da Arte e Arte Moderna.

Arte Contemporânea, Cauquelin.

Cultura Pós-Moderna.

O que é um artista?

## Questões sobre o Tópico e suas leituras:

1. Os artistas do Brasil tem os mesmos recursos e estratégias dos internacionais?
2. Existe Arte Visual genuinamente brasileira?
3. Quais os primeiros artistas do Brasil a participar da internacionalização?
4. As poéticas e proposições adotadas pela Arte contemporânea no Brasil é compatível com a atualidade?
5. Pode-se dizer que os artistas do Brasil estão no mesmo nível dos internacionais?